

O ROMANCE BRITÂNICO DO SÉCULO XX

RAMIRA MARIA SIQUEIRA DA SILVA PIRES*

A ruptura da estabilidade e do otimismo que dominaram a Inglaterra durante o século XIX começa a manifestar-se já nos últimos anos do reinado da rainha Vitória. O século XIX vira a Inglaterra consolidar-se como centro econômico do mundo, dona de um império que dominou um quarto da população mundial. Contudo, ao fechar-se o século, o capitalismo alemão desafia o inglês na conquista de mercados e os Estados Unidos da América despontam como potência econômica. A guerra com os Bôeres, na África do Sul, e as revoltas posteriores na Índia de Gandhi, colocam em xeque o *sagrado* papel do Império Britânico. Internamente, os trabalhadores passam a se organizar e a exigir melhores condições de trabalho. A reforma eleitoral, em 1884, dá direito de voto aos mineiros e trabalhadores rurais e as mulheres passam a exigir o mesmo direito.

Novas idéias abalam a velha ordem. Darwin e Marx já haviam revolucionado a escala biológica e o sistema capitalista vigente. Propagam-se, agora, os pensamentos de Freud sobre o papel do inconsciente no comportamento humano e o de Einstein sobre a identidade entre matéria e energia, trazendo também o conceito do relativismo, que questiona a rigidez do pensar vitoriano.

1914 traz a hecatombe da Primeira Guerra Mundial, com a morte de quase um milhão de jovens bretões. O otimismo e o ufanismo ingleses, a convicção vitoriana de que o progresso saberia solucionar todos os problemas da humanidade, dão lugar à incerteza e à solidão do homem na *terra devastada* pela guerra, lembrando o título do poema de T.S. Eliot que seria publicado posteriormente.

* Docente do Departamento de Letras Modernas - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP, Araraquara.

Diante desse contexto, como reagiram os escritores a tantas mudanças? Desgostosos com as instituições que não conseguiram impedir o desastre da guerra, os escritores rediregem seu foco de atenção do homem na sociedade para o mundo interior do indivíduo.

De toda maneira, também já se fazia sentir um desgaste da forma romanesca vigente. O romance naturalista objetivo, de consciência social, de fatos dramáticos, parecia ter esgotado suas possibilidades. Escritores como Hardy, George Moore, Arnold Bennet, Galsworthy tinham explorado suficientemente a estrutura social inglesa, a realidade externa da vida, os fatos mais evidentes de tantas histórias pessoais, desenvolvendo e ampliando, na Inglaterra, as realizações dos franceses Balzac, Flaubert e Zola. Agora o romance precisava encontrar um campo novo para atuar. As descobertas da psicologia sobre o inconsciente acenavam com a possibilidade de exploração daquele campo novo que alguns escritores como Dorothy Richardson, James Joyce e Virginia Woolf trouxeram para a literatura das ilhas britânicas através da retratação da vivência interior da personagem romanesca.

Antes de se atingir esse ponto, observamos que escritor e público compartilham de um mesmo sistema de valores: o da estável sociedade vitoriana. Tem o escritor, assim, autoridade para transmitir um conhecimento seguro do mundo, que emana de sua obra, conferindo ao leitor maneiras de interpretar as ações e pensamentos das personagens .

No século XX, em face de tantas mudanças sociais, filosóficas e científicas, o autor vai perdendo o sentido unificado e globalizante do mundo e, conseqüentemente, sua capacidade de narrar de forma autoritária, uma vez que tem consciência de que é impossível saber toda a verdade sobre alguém. Constata-se, assim, a complexidade e ambigüidade da própria matéria do romance: a realidade.

Para alguns escritores, este novo campo a ser explorado pelo romance necessita de novas formas de expressão, novas técnicas para a representação de novas imposições da realidade.

A obra de Virginia Woolf (1882-1941) pode ser vista como um bom exemplo da renovação formal desse novo romance que surge, no qual a autoridade da voz do narrador dá lugar ao registro dos pensamentos e emoções internos das personagens. Virginia Woolf propõe que a verdadeira realidade é a subjetiva e não aquela facilmente observável nos fatos exteriores da vida. Assim, o romancista deve preocupar-se principalmente com a vivência interior das personagens. Dedicar-se, então, a escritora, à

chamada técnica do fluxo da consciência, através da qual tenta reproduzir os padrões de pensamento humano, com sua forma ilógica e associativa. Em *Mrs. Dalloway*, *To the Lighthouse* e *The Waves*, a prosa de Woolf atinge, para muitos, seu ponto alto.

Contemporâneo de Virginia Woolf, James Joyce (1882-1941) radicaliza o experimentalismo formal a tal ponto que a leitura de algumas de suas obras, notadamente de *Finnegans Wake*, desafia até mesmo a modernidade do leitor do fim do século, logrando refletir, com competência, ainda hoje, o enigma do homem moderno, preso nas armadilhas da solidão e da incerteza.

Já D.H. Lawrence (1885-1930) renova o romance não pela forma, mas pela concepção de mundo. Para ele, a civilização industrial, com seu apelo racional, destrói o lado do homem que o liga à natureza, a seus instintos. A paixão e o sexo aparecem, em Lawrence, como defesas contra as forças destrutivas da civilização.

Devemos lembrar ainda, dentro da geração de romancistas que se consagrou no período anterior à Segunda Guerra, os nomes de Aldous Huxley e de George Orwell.

Huxley (1894-1963) destaca-se pelo tratamento do tempo em suas obras, nas quais o recurso do flash-back propicia o aparecimento de romances paralelos e entremeia presente e passado. O horror ao cientificismo também marca a obra de Huxley, que parece acreditar que a tecnologia aniquila a grandeza do homem. Veja-se, nesse sentido, seu mais conhecido romance, *Brave New World*, que proporciona uma terrível visão do futuro onde a tecnologia, ao mesmo tempo que estirpa os sofrimentos do homem, elimina sua grandeza.

Assim como Huxley, George Orwell (1903-1950) vê com pessimismo o futuro da humanidade, preocupando-se com a ameaça dos regimes totalitários que aniquilam as liberdades individuais. *1984*, seu último romance, é uma visão sombria do futuro, com a perda da liberdade individual, através do papel do Estado totalitário fiscalizando tudo.

Com a Segunda Guerra Mundial a Grã-Bretanha sofre profundas mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais. Washington e Moscou são agora os polos do poder mundial, tendo a Grã-Bretanha que contentar-se com um papel secundário, juntamente com outros países da Europa. No setor econômico a situação é alarmante: além dos gastos para a manutenção da guerra é preciso investir na reconstrução das cidades danificadas e na modernização da indústria. Por outro lado, as pressões sociais intensificam-

se no pós-guerra, com as classes trabalhadoras reivindicando salários mais altos, casas próprias, melhorias na saúde e educação superior para seus filhos.

Um grande esforço interno, aliado a maciços investimentos dos americanos levam a uma certa revigoração da economia, que propicia que se atinja o *welfare state* (estado do bem estar social), com melhorias visíveis na qualidade de vida da classe trabalhadora. O reaquecimento da economia é, contudo, lento, inquietando principalmente os jovens que, muitas vezes munidos de diplomas universitários das recém criadas *red-brick universities*, não conseguem colocar-se no mercado de trabalho.

Essa inquietude dos jovens vai traduzir-se na literatura pela corrente de jovens romancistas, teatrólogos e poetas conhecidos como *Angry Young Men*. Mais do que uma comunhão de valores estéticos, o que une esses jovens escritores é o desejo de protestar contra a situação econômico-social injusta. Ideologicamente colocam-se tanto contra o capitalismo como contra o socialismo, pregando o não-engajamento político. Procurando comunicar-se da maneira mais simples e direta, repudiando o experimentalismo anterior à guerra, apregoam o retorno às formas tradicionais. No campo do romance *angry* destacam-se os nomes de Kingsley Amis (1922) e Alan Sillitoe (1928). Amis cria, em *Lucky Jim*, o protótipo do anti-herói, que aparecerá em tantos romances dessa geração. Sillitoe, com *Saturday Night and Sunday Morning*, desvia-se dos problemas dos jovens de classe média que dominam os romances dos jovens irados, voltando-se para os problemas da juventude proletária.

A literatura *angry*, contudo, não domina totalmente a literatura inglesa do pós-guerra. Simultaneamente, muitos escritores seguiram seus próprios caminhos, ignorando os pressupostos dos jovens irados que impõem a limitação temática - a crítica às opressões do *establishment* -, a impossibilidade de engajamento político e o desprezo pelo experimentalismo. Alguns destes artistas já vinham produzindo antes da guerra. É o caso de Evelyn Waugh (1903-1966) que, através de seu humor irônico, aborda temas como o individualismo e a indiferença do homem contemporâneo (*A Handful of Dust*), a belicosidade do mundo moderno (*Men and Arms, Officers and Gentlemen*), explorando ainda as questões do pecado, da salvação e da fé católica (*Brideshead Revisited*). Criticado por muitos por seu culto ao dogma católico e à sociedade hierárquica, Waugh não pode deixar de ser lembrado por seu magnífico domínio do idioma literário.

Outro romancista também já ativo antes da guerra, Graham Greene (1904-1991), seguiu suas próprias tendências, ignorando tanto o experimentalismo da geração que o antecedeu quanto as tendências da geração irada. Através de um estilo que alia objetividade e simplicidade a uma esplêndida criatividade ficcional, Greene denunciou as opressões e injustiças que atingem o homem do nosso tempo. O eterno embate entre o bem e o mal permeia seus romances, assim como a questão da fé católica, expressa nos grandes dilemas de consciência de tantas de suas personagens. Saudado como um dos grandes romancistas do século, tem uma obra bastante extensa, da qual destacamos: *The Power and the Glory*, *The Heart of the Matter*, *Brighton Rock* e *The End of The Affair*.

Já para William Golding (1911-1993) a maior preocupação é a irracionalidade e a violência. Assim, em *Lord of the Flies* e *The Inheritors*, Golding aborda o aspecto sórdido da natureza humana que se torna visível quando se rompe a casca artificial da civilização. Para Golding, como lembra Paulo Vizioli:

o mal faz parte de nós e decorre da posse da linguagem e da razão. Quando o ser humano adquiriu esses dons, ele afastou-se da inocência primitiva e perdeu o paraíso. Foi esta, de acordo com Golding, a verdadeira Queda do Homem (p.6-7).

Assim como Graham Greene, Iris Murdoch (1919) dedica-se à investigação da alma humana. Seu primeiro romance, *Under the Net*, ainda está bastante ligado à literatura *angry*, tanto pela temática - a revolta contra o *establishment* - quanto pelo tratamento dado a ela, centrado em situações cômicas. Contudo, mesmo nesse romance, já se observa um simbolismo complexo que marcará toda a obra da autora. Identifica-se ainda, em muitos de seus romances, um enredo recorrente em que o protagonista cria para si um papel ou empreende uma busca com o intuito de definir sua vida. Este esforço de padronização é, contudo, sempre subvertido pela realidade.

Uma das contribuições importantes à ficção inglesa deste século é a das escritoras. Muitas autoras lidam essencialmente com os mesmos assuntos que seus colegas homens, outras dedicam-se, de forma mais ostensiva, a escrever sobre os problemas e preocupações das mulheres do mundo moderno. Personagens femininas protagonizam seus romances que, quase sempre, são escritos a partir de um ponto de vista feminino. Tal atitude pode ser encarada como limitadora, mas a extrema capacitação para o literário de muitas dessas escritoras proporciona à ficção outras formas de

explorar a aventura humana, através da ótica feminina e de todas as suas possibilidades.

Apresenta-se, assim, além de Virginia Woolf e Iris Murdoch, Doris Lessing (1919) cuja obra possui três aspectos importantes: o socialismo, a luta contra a discriminação racial e o feminismo. Os dois primeiros aspectos já são desenvolvidos em seus romances iniciais, os da trilogia *Children of Violence*. Nascida e criada em Zimbábue, Lessing pôde sentir de perto as injustiças ocasionadas pelas diferenças sociais e raciais. Como feminista, porém, sua maior obra é *The Golden Notebook*, centrada nas pressões que eventos políticos e sociais e a própria sociedade impõem às mulheres.

A partir da década de sessenta, em função do crescente interesse tanto por obras escritas por mulheres quanto pelas que abordam a questão feminina, várias e importantes escritoras da primeira metade do século vêm encontrando novos leitores em nossos dias. É o que ocorre com Rebecca West (1892), Storm Jameson (1894), Elizabeth Bowen (1899-1972) e Rosamond Lehmann (1903). Aproximando-se mais da geração contemporânea temos Muriel Spark (1918) com seu estilo conciso e elegante, fortemente marcado pelo bizarro e pelo perverso, observável em obras como *Memento Mori* e *The Prime of Miss Jean Brodie* e Edna O'Brian (1932) com seu forte conteúdo erótico que expõe a sexualidade feminina de maneira franca: *The Country Girls*, *August is a Wicked Month*.

Dentre os nomes que se destacam em nossos dias lembramos: Angela Carter, Antonia Byatt e Margaret Drabble. Angela Carter (1940-1992), que se insere na tendência internacional do realismo fantástico, iniciada na década de setenta, escreve romances onde os elementos tipicamente realistas se misturam ao inesperado e inexplicável, e nos quais o onírico, o conto de fadas e a mitologia combinam-se com o cotidiano. Todas essas características são conjugadas a um feminismo vigoroso. Assim, em *Heroes and Villains* temos um mundo pós-apocalíptico dividido entre a civilização racional que vive protegida em torres e os bárbaros que habitam a selva, predadores que ameaçam os racionalistas. A heroína, Marianne, filha de um racionalista, é raptada e torna-se a noiva cativa de um líder bárbaro, belo, narcisista e diabólico. O livro enfoca a violenta iniciação de Marianne na vida bárbara e o desenvolvimento de sua estratégia de sobrevivência através da aquisição do desejo feminino autônomo. Dentre outras obras de Carter destacam-se: *Love e Nights at the Circus*.

Antonia Byatt, crítica literária, ensaísta, ficcionista e acadêmica é uma cultuadora confessa de palavras e idéias. Uma estilista que se deleita

com as cores e sabores das palavras; seus romances revelam *sua mente discriminadora que considera as paixões intelectuais tão vibrantes e consumidoras quanto as emocionais* (Halio, 1983, p.194). Em *The Game*, Byatt examina as vidas contrastantes de duas irmãs independentes e de personalidades antagônicas: uma é uma romancista de sucesso e outra uma acadêmica respeitada. Por *Possession* Byatt recebeu o prêmio Booker de 1990.

Irmã mais nova de Byatt, Margaret Drabble tem sido aclamada como a maior revelação da literatura feminina inglesa contemporânea. Muito bem recebida pelo público e pela crítica, Margaret Drabble desempenha papel importante no cenário cultural britânico, onde atua como ficcionista, ensaísta, biógrafa e crítica, com participações na mídia radiofônica e televisiva. Atenta ao mundo em que vive, Drabble mergulha em seus problemas com inteligência e sensibilidade, principalmente nas questões femininas. Assim, muitos de seus romances são centrados em personagens femininas em diferentes estágios de suas vidas: jovens no momento de deixar a universidade, casando-se e separando-se, criando filhos, tendo casos amorosos, observando o crescimento dos filhos, atingindo a meia-idade e preocupando-se com o que vem depois. Dentre sua produção ficcional destacamos: *A Summer Bird-Cage*, seu primeiro romance, de 1963, *The Waterfall*, *The Radiant Way* e *A Natural Curiosity*.

Em tempos *politicamente corretos*, em que a palavra de ordem é *multiculturalismo*, as minorias têm tido maior oportunidade de se fazer presentes, principalmente nas áreas culturais. Um grupo de escritores cujas origens estão nas ex-colônias do Império Britânico passou a ter, cada vez mais, papel importante no cenário das letras inglesas. V.S. Naipaul (1932), nascido em Trinidad, de pais indianos, passou grande parte de sua vida adulta na Inglaterra. É considerado por muitos como o maior ficcionista representativo de um mundo *descentrado* onde, como quer Allan Massie, *mudanças violentas fraturaram as culturas, destruíram a ordem política e cultural estabelecidas, alienando o homem de sua própria herança cultural, condenando-o a vagar pela waste land* (Massie, 1990). Os romances de Naipaul, tais como: *Finding the Center* (1984), *The Enigma of the Arrival* (1987) e *A Way in the World* (1993) são, em sua essência, crônicas de como o próprio autor vem a aceitar sua história e sua cultura fraturada.

Salman Rushdie (1947) emergiu como um talento maior com a publicação de *Midnight's Children* (1981), um romance de recordações que celebra a infância, concebido para recuperar o passado do autor. Por este romance, Rushdie recebeu o Booker Prize, o James Tait Black Memorial

Prize e o Arts Council Literary Bursary. Nascido em Bombaim, em berço de poetas e admiradores da literatura mundial, Rushdie foi educado no King's College, Cambridge. Vivia na Inglaterra quando foi iniciada a brutal perseguição a sua pessoa por parte do fundamentalismo islâmico do Irã, em função do conteúdo de seu livro *Versos Satânicos* que, segundo seus algozes, desrespeita os princípios religiosos daquele grupo. Para Rushdie, no entanto, o livro é apenas *uma tentativa de entender os vários componentes de seu autor - países, lembranças, histórias, famílias, deuses* (Couto, 1988). Rushdie continua vivendo na clandestinidade, tendo comparecido, inesperadamente, ao lançamento do mais recente livro de Martin Amis, *The Information*, de 1995. Ao completarem-se cinco anos da decretação da *fatwa* – sentença de morte –, as autoridades político-religiosas do Irã negam-se a suspendê-la.

Ruth Praver Jhabvala (1927), alemã de nascimento, foi educada em Londres e, em 1951, após seu casamento com um arquiteto indiano, passa a viver na Índia. Seus escritos refletem, a um tempo, sua afeição e impaciência em relação a seu país de adoção. Por seu romance *Heat and Dust*, recebeu o Booker Prize de 1975. Jhabvala vive hoje em New York, onde continua sua carreira de sucesso.

Outro nome que a Inglaterra projetou recentemente para o mundo é o de Kazuo Ishiguro. Nascido em Nagasaki, Japão, em 1954, Ishiguro chega à Inglaterra aos cinco anos. Embora as personagens e locais de seus romances nos remetam, muitas vezes, ao Japão, Ishiguro insiste em classificar-se como um escritor inglês que escreve sobre problemas universais. Seu *début* como romancista, com *A Pale View of Hills* (1982), teve excelente acolhida da crítica mundial. Seu *An Artist of the Floating World* foi traduzido para treze línguas e o aclamado *The Remains of The Day* agraciou-o com o Booker de 1989. Este último foi adaptado para o cinema com roteiro de Ruth Praver Jhabvala e direção de James Ivory. Seu mais recente trabalho é *The Unconsoled*, de 1995.

Dentro da constelação de talentosos escritores transculturais, pelo menos dois outros nomes precisam ser lembrados: Michael Ondaatje (1944), que, nascido no Sri Lanka, de descendência indiana, holandesa e inglesa recebeu o prêmio Booker por *The English Patient* (1992) e Ben Okri, nascido na Nigéria e ganhador do Booker de 1991 por seu *The Famished Road*.

Esse grupo de escritores pós-coloniais, comentados aqui de forma sumária, é produto da cultura internacional que começou a surgir após a Segunda Guerra, acentuando-se nos últimos quinze anos com o

aparecimento da mídia noticiosa televisiva internacional que completou a transformação do mundo na profetizada aldeia global. Ampliam-se e modificam-se, assim, os gostos e as necessidades do novo leitor, o leitor internacional, que deseja saber sobre os problemas do homem universal. A Inglaterra, que um dia dominou tantas nações, faz hoje o papel de divulgadora desses expatriados geniais que, divididos entre seus países de origem e o que escolheram para viver, contribuem com novos sons, ritmos e conteúdos para a língua e literatura inglesas.

Três autores contemporâneos, ingleses de nascimento, fecham este breve panorama do romance produzido nas Ilhas Britânicas neste século. São eles Malcolm Bradbury (1932), Ian MacEwan (1948) e Martin Amis (1949). Escritor, crítico e professor universitário, autor atuante na mídia televisiva, com a criação de trabalhos originais para este meio, bem como adaptações de obras suas e de outros autores, Malcolm Bradbury é dos autores mais prolíficos de nossos dias. Dentro da faceta acadêmica de sua carreira, tem se dedicado a estudos de relevância sobre as literaturas inglesa e norte-americana, que resultam em constantes publicações, notadamente contemplando a produção romanesca. A vida acadêmica tem sido também um tema recorrente em seus romances e seus protagonistas têm, muitas vezes, a sensação de impotentes espectadores e até colaboradores involuntários do processo de declínio cultural que os cerca. Bradbury é observador agudo e inteligente dos costumes, da moral e dos modismos contemporâneos, como se observa em seus romances: *Who do you Think you Are?*, *Rates of Exchange* e *Cuts*.

Ex-aluno de Bradbury, na Universidade de East Anglia, Ian MacEwan é também um escritor com talento especial para retratar as questões contemporâneas. McEwan, contudo, notabilizou-se pelo contraste entre a crueza de seus temas e a elegância de sua linguagem. Assuntos como incesto, abuso sexual infantil, tortura física e psicológica são por ele tratados com precisão e senso estético. Um de seus primeiros romances, *The Cement Garden*, é uma parábola grotesca da família. Com fortes ligações com o realismo fantástico, a obra revela a pobreza afetiva dos protagonistas e o lado sombrio do ser humano que esta carência põe à mostra. Seguiram-se vários romances de sucesso como *The Comfort of Strangers*, *The Child in Time*, bem como inúmeros scripts para cinema, outra atividade à qual se dedica com bastante sucesso.

Da mesma geração de MacEwan, Martin Amis tem se projetado cada vez mais na cena do romance contemporâneo inglês. Já publicou dez romances desde 1973, consagrando-se internacionalmente em 1984 quando

lançou *Money*, que prenuncia uma sociedade totalmente dominada pela corrupção. Comparado a Jonathan Swift, o príncipe dos cínicos, Amis anuncia em suas linhas o estado degenerado da sociedade deste fim de milênio, através de sua visão impiedosa, sarcástica e satírica dos excessos urbanos. Seus livros, desde *Rachel Papers*, o primeiro, a *Time's Arrow*, o mais recente, contam histórias amargas desses excessos: drogas, álcool, prostituição. Indivíduos corruptos, insensíveis, misóginos e desajustados povoam seus romances, como sua mais famosa personagem, John Self, paradigma dos efeitos da pós-modernidade dos anos 80, retratada pelo escritor, que empresta seu ouvido atento e sua pena virtuosa tanto ao dialeto elegante quanto ao chulo obscuro.

Este esboço da produção romanesca britânica deste século está longe de ser completo. Limitamo-nos ao essencial. Embora imperfeito, contudo, já é suficiente para demonstrar a riqueza e variedade da ficção britânica do século XX, inclusive nos últimos cinquenta anos, período em que, para alguns críticos o romance britânico teria perdido seu ímpeto inovador que teria passado para os romances francês, norte-americano e latino-americano. O que se observa, sobretudo nas últimas décadas, é que, no entanto, a ficção inglesa tem apresentado vigor, variedade e talento que a recolocam na linha de frente do esforço contínuo para manter vivo e saudável o romance, este espelho de palavras que vem refletindo, ao longo de três séculos, a experiência humana. Sim o romance inglês vai muito bem, obrigado!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COUTO, M. *Contemporary writers: Salman Rushdie*. London: Book Trust and British Council, 1988.
- HALIO, J. L. (Ed.) *British novelists since 1960*. Detroit: Gale Research Co., 1983.
- MASSIE, A. *The novel today: a critical guide to the British novel 1979-1989*. London: Longman, 1990.
- VIZIOLI, P. Literatura inglesa a partir dos anos cinquenta. *Cultura*, suplemento de *O Estado de São Paulo*, 06/07/1980, p.6,7.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ABRAMS, M.H. et al.(Ed.). *The Norton anthology Of English literature*. 4 ed. New York: W.W.Norton,1979. 2v.
- ALLEN, W. The Novel from 1881 to 1914, e 1914 and After In: *The English Novel*. London: Penguin, 1991.
- BERGONZI, B. *The situation of the novel*. London: MacMillan,1970.
- BRADBURY, M. *O mundo moderno: dez grandes escritores*. São Paulo: Cia.das Letras, 1989.
- BURGESS, A. *The novel now*. New York: W.W.Norton, 1967.
- CEVASCO, M. E., LELIS, V. S. *Rumos da literatura inglesa*. São Paulo: Ática, 1988.
- SENA, J. de. O vanguardismo In:____. *A literatura inglesa*. São Paulo: Cultrix,1963. p.372-431.
- SHOWALTER, E. *A literature of their own: British women novelists from Brontë to Lessing*. Princeton: Princeton Univ.Press, 1977.